



Os 90 anos da Santa Casa da Misericórdia

António José de Oliveira Júnior

O homem certo, no lugar certo, no tempo certo

No rememorar de figuras ilustres que se distinguiram pelos serviços prestados à Santa Casa da Misericórdia de S. João da Madeira, recordamos hoje o primeiro Provedor, António José de Oliveira Júnior.

Nascido no lugar das Vendas, em S. João da Madeira, a 17 de Abril de 1864, era filho homónimo de chapeleiro, o que o levou a acrescentar o apelido Júnior para se fazer distinguir.

Muito jovem foi para Tomar onde trabalhou como marçano e caixeiro. À noite, e por iniciativa própria, frequentou uma escola de religiosos que lhe proporcionou mais largos conhecimentos e uma capacidade de analisar e meditar sobre a envolvente social da classe operária, a que pertencia.

“Apóstolo na tribuna e apóstolo na oficina”

O último quartel do século XIX foi de grande agitação política e social, ecoando em Portugal sinais (mais incipientes) da revolução industrial e da “questão social” que perpassava a Europa. Não havia horários de trabalho, o emprego escasseava, e o único direito dos trabalhadores consistia num escasso soldo semanal, caso houvesse trabalho.

De regresso a S. João da Madeira, aprende a então muito rudimentar técnica de fabrico de chapéus grosseiros de lã, começando a trabalhar como operário chapeleiro. Ao mesmo tempo dedicou-se a lutar pela dignificação da classe operária através da cultura, do mérito e da justiça social. De imediato se distingue, como reconhece o romancista João da Silva Correia, coevo e conterrâneo, ao escrever:

“Com vinte anos vigorosos, reunindo, ao som de uma voz ardente, ao calor de uma oratória toda cantante e bela, fervorosa e apaixonada, a massa operária de S. João da Madeira – a que pertencéis – ensinando-lhe o caminho das aspirações honestas, depois do trabalho honesto. Uma mocidade já consagrada aos humildes, no intuito do bem comum!

Apóstolo na tribuna e apóstolo na oficina, ...

Difusor da modernidade

Descontente com a sua situação e desejando progredir, muda-se para o Porto, cidade onde tem familiares, e aprende a arte do fabrico de chapéus de pêlo de coelho, chapéus finos, de qualidade, então na moda, muito diferentes dos grosseiros chapéus de lã que se fabricavam em S. João da Madeira.

Novamente se envolve na vivência sindical e rapidamente se afasta, ao aperceber-se, com desgosto, que as suas ideias não se conjugam com a contestação permanente e o invariável descambar para a arruaça que as ideias revolucionárias propugnam.

No regresso a S. João da Madeira aproveita os conhecimentos adquiridos e, com o sócio Álvares Pardal, estabelece-se com uma pequena oficina de fabrico de chapéus de pêlo de coelho, grande novidade na aldeia e que deu origem a um surto de progresso,



através da disseminação destes conhecimentos a outras empresas. O sucesso como industrial não demorou a aparecer e Oliveira Júnior rapidamente se orientou para novas realizações.

Um ícone da indústria

Em 1914, já com os filhos e com outros sócios, cria a maior empresa industrial de chapelaria da península Ibérica. Uma beleza de fábrica, era um verdadeiro ícone da indústria. E se as instalações eram das mais avançadas na Europa, o recheio (com máquinas estrangeiras) permitia uma produtividade de trabalho e uma qualidade nunca antes sonhadas no meio.

Tempos conturbados, inteligência esclairada

Estes avanços tecnológicos levaram à inveja e maledicência de alguns colegas industriais e operários ignorantes que, mal influenciados, acreditaram que a maquinaria traria o desemprego à classe operária, encerrando fábricas, pois, como então se dizia, *“entram as peles de coelho nas máquinas*

por um lado e saíam os chapéus prontos pelo outro”. Uma manifestação do ludismo que atravessou de angústia a Europa industrial, opondo-se ao desenvolvimento tecnológico e industrial. Deu-se grande ajuntamento popular, os sinos tocaram a rebate, foi chamada a G.N.R., os ânimos exaltaram-se, tentou-se a invasão da fábrica e a destruição de todo o equipamento, até que soaram alguns tiros no ar. Nessa altura, Oliveira Júnior, que se encontrava no interior, receoso de acontecimentos irremediáveis, comprometeu-se a não pôr as máquinas em movimento e em não despedir operários, devendo estes terminar os confrontos.

Baixou a emotividade e voltou a racionalidade e, poucos meses depois, a nova fábrica estava calmamente a laborar em pleno, com todos os operários e máquinas.

A serena e oportuna intervenção, num momento de grande fervor a toldar as mentes, demonstrou a qualidade de um homem superior, capaz de fazer prevalecer os interesses gerais sob os particulares, mesmo quando estes eram os próprios.

Estes acontecimentos estão maravilho-

samente descritos, de modo romanceado, no livro “Unhas Negras” de João da Silva Correia.

Um homem global

Oliveira Júnior, a par da actividade de industrial, evidenciou-se ainda pelo empenho cívico. Eleito vereador da Câmara Municipal de Oliveira de Azeméis, então sede do concelho, pugnou pelo desenvolvimento e progresso da sua aldeia, S. João da Madeira. Todavia, foi na área social que os sanjoanenses mais reconhecidos lhe ficaram. Esteve activamente envolvido nas movimentações e ocorrências que levaram à edificação do primeiro hospital e resultaram no nascimento da Misericórdia.

O 1º Provedor

Com 58 anos, em 4 de Junho de 1922, já afastado dos negócios, é eleito e toma posse como Provedor na primeira Mesa Administrativa desta instituição, consagrando, a partir desta altura, a sua vida ao auxílio e protecção dos mais desfavorecidos.

Sobre a sua acção Pais Vieira Júnior, no seu livro, escreve:

A sua respeitabilidade e a permanente disponibilidade em rigoroso voluntariado afastaram todas as intromissões negativas da política que preponderava na época e ameaçava instalar-se na Instituição, com todos os inconvenientes negativos de rivalidades e divisionismos. A muito curto prazo, Oliveira Júnior viria a acrescentar àquelas qualidades a piedade e a benemerência, que exerceu com convicção e desprendimento e lhe granjearam junto dos pobres uma auréola de santidade e veneração. Entre os sanjoanenses passou a usufruir justificadamente do respeito e da gratidão gerais.

A Misericórdia, pela sua mão, começa a actividade no campo da saúde e social no ano seguinte, 1923, com o início do funcionamento do hospital, sendo admitidos os primeiros enfermos de parcos recursos, graciosamente cuidados por um dedicado corpo clínico. Como administrador foi exemplar conseguindo, sem apoios do Estado, apenas recorrendo a meios próprios da Misericórdia e a donativos de sanjoanenses, manter as contas equilibradas e gratuitamente prestar um precioso serviço aos mais desfavorecidos.

A grande doação

Em 1924, Oliveira Júnior faz a maior doação até então realizada à Misericórdia por beneméritos não residentes no Brasil. Para o efeito, não se propõe à provedoria, candidatando-se Avelino da Silva Martins, eleito por aclamação. Nessa mesma sessão electiva da assembleia-geral, Oliveira Júnior entrega ao Provedor eleito um ofício onde declara a “sua última vontade”, pela qual doa 118.000\$00 para a construção de um Asilo – Creche destinada a crianças órfãs (ou para a infância desvalida, como se dizia) e mais 67.500\$00 para assistência aos pobres. A soma destes valores, aplicado o coeficiente de actualização da

(continua)



Os 90 anos da Santa Casa da Misericórdia



moeda, representa hoje cerca de 190.000,00 €!!! Aos 60 anos, Oliveira Júnior abdicava de uma substancial parte da sua fortuna, gesto publicamente reconhecido, dizendo-se que este pai de cinco filhos dividiu a herança por um sexto, a Santa Casa, a quem tratara por igual. Seis dias depois reassume a provedoria, após demissão de Avelino Martins, e a convite de todos os demais pares da Mesa Administrativa. Da sua acção como Provedor é de realçar a abertura do Asilo – Creche Santo António, a construção da nova ala do hospital e o equipamento da sala de cirurgia, a abertura da maternidade Santa Maria, a ornamentação da capela, o estabelecimento de uma comunidade das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição (que aqui permaneceram até 2004), o Recolhimento de Velhos Inválidos São Manuel, e tantas outras mais-valias que tornaram a Misericórdia uma referência do bairrismo e da vontade dos sanjoanenses.

Em 2 de Agosto de 1925, em sessão solene presenciada pelas mais prestigiosas figuras locais, foi descerrado no Salão Nobre da Misericórdia, um quadro a óleo retratando-o, quadro disposto ao lado do retrato do Instituidor.

Personificação de valores humanos e cristãos

Muitas vezes elogiado pela exemplaridade da acção em prol dos desfavorecidos declinou sempre homenagens, considerando o trabalho efectuado fruto da boa colaboração que recebera dos seus pares na Mesa e da grande generosidade dos seus conterrâneos. Bem esclarecedor da sua modéstia, foi o episódio do agradecimento pelo Governo com

a Comenda da Ordem de Mérito Agrícola e Industrial, que aconteceu sem que alguém em S. João da Madeira tenha tido desse facto conhecimento. Somente quando uma comissão de sanjoanenses se dirigiu ao Governador Civil solicitando que Oliveira Júnior fosse agraciado, tomam com espanto a notícia de que tal já havia acontecido meses atrás... A propósito Pais Vieira Júnior relata no seu livro:

“Declara aceitar a condecoração, face à insistência da Câmara, para não ser indelicado com os seus conterrâneos, a quem deve carinho e muitas atenções e como estímulo aos seus filhos e descendentes para que não percam o amor ao trabalho persistente e honesto”

O primeiro Provedor foi, tal como o classificou Pais Vieira Júnior, *“o homem certo, no lugar certo, no tempo certo”*. O cargo assentou-lhe como se fosse a própria Providência a encarregar-se de criar este homem para esta missão. A genuinidade da sua acção personifica, ainda hoje, os valores humanos e cristãos do exercício da provedoria. A documentar esta autenticidade reportamos um episódio ocorrido em 1931. Ante a emergência que o falecimento de uma jovem mãe coloca ao deixar órfãos 4 filhos menores, e desconhecida a identidade do progenitor, prontamente recolhe-os no hospital para que fossem tratados à varíola que os atacava, e diligencia por encontrar senhoras que os protegessem até à idade adulta, em face da indisponibilidade de vagas para todos no Asilo Santo António, tarefa onde tem muito bom êxito. De tal forma este gesto de socorro e preocupação marcou a vida dos órfãos que todos eles deram testemunho do

seu indelével agradecimento, com percursos profissionais e pessoais de elevado relevo e pundonor. Uma delas, após uma frutífera vida profissional e anos de ausência no estrangeiro, regressou no fim à Misericórdia, tornando-se residente na Casa de Repouso, legando todos os seus bens a esta instituição, sendo declarada benemérita, assim dando testemunho de gratidão pela acção do Provedor Oliveira Júnior.

Amigo, conselheiro, amparo e exemplo

Foi Provedor durante 13 anos, até à sua morte aos 70 anos, em 28 de Janeiro de 1935. Era um frio dia de Inverno. Testemunhos da época dizem que todos os sanjoanenses vibraram de desgosto, desde as pessoas mais proeminentes até aos mais carenciados, pois para todos ele fora amigo, conselheiro, amparo e exemplo. Por essa ocasião “O Regional” publica uma edição que lhe é totalmente dedicada. A intelectualidade da região prostra-se em oratória recordando a nobreza de carácter, a sobriedade na ajuda, a acção permanente pelos desfavorecidos e a humildade sem par.

Em 16 de Abril de 1939 o concelho presta-lhe homenagem inaugurando um bonito busto em bronze sobre pedestal de granito, hoje colocado à entrada do Lar de Idosos S. Manuel. Mais tarde, a Câmara Municipal viria a dar o nome de “Oliveira Júnior” a uma das principais artérias da cidade e à maior escola de ensino básico e secundário.

Decorridos mais de 75 anos sobre a sua morte, António José de Oliveira Júnior persiste hoje como um símbolo de S. João da Madeira justificando uma ida à biblioteca de S. João da Madeira só para consulta de “O